

CINECLUBE
JECE VALADÃO

Revista Cineclube Jece Valadão - Ano X
Número 11, Março de 2026

**A Loucura
habita o
CINECLUBE**

FUNCULTURA

GOVERNO DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO
Secretaria da Cultura





Cineclube Jece Valadão:

20 anos de cineclubismo em Cachoeiro de Itapemirim

Expediente

Edição e redação geral:

Lucas Schuina

Textos e depoimentos:

Aureliana Santos, Brenda Perim, Bruno Silva, Daniela Almeida, Erika Batista Motta, Eva Nilda Garcia, José Moreira de Souza, Josinete Ribeiro Carneiro da Silva, Jesuel Geri, Léia Campos da Luz, Lucas Schuina, Marcelo Oliveira Costa, Mayara Pereira, Pedro Moreira, Raither Felipe, Simone Jussim e Tânea Maria Corrêa.

Diagramação e ilustrações:

Larissa Pereira | @arte.larissa

Equipe do projeto:

Coordenação: Lucas Schuina

Produção: Marina Silva

Assistência de produção: Brenda Perim, Bruno Silva e Raither Felipe

Design Gráfico: Natassya Neves Carvalho

Assessoria de imprensa: Luísa Pitanga

O projeto "A loucura habita o cineclube" foi contemplado pelo Funcultura – Edital 14/2023 – Difusão Audiovisual, da Secretaria de Estado da Cultura do Espírito Santo (Secult-ES).

Sumário

Apresentação	4
Sessão 1 – Encantadora loucura	6
Sessão 2 – Em busca de reconexão	8
Sessão 3 – Ideias ao ar livre sobre população de rua	10
Sessão 4 – Memórias manicomiais	12
Sessão 5 – O poder dos encontros	14
Sessão 6 – Não recomendado à sociedade	16
Sessão 7 – A realidade é o bicho	18
Sessão 8 – Territórios psíquicos	20
Sessão 9 – Marcas psíquicas da violência	22
Sessão 10 – A tristeza do corre cotidiano	24
Sessão 11 – A arte cura onde dói	26
Sessão 12 – Encontros quixotescos pela cidade	28
Outras Sessões	30
Depoimento – “O que eu faço agora?”	33
Depoimento – “O essencial não estava na tela”	36
Depoimento – “A gente não é doido”	37
Depoimento – “Gostei muito do cinema hoje”	38
Depoimento – À.M.A.R	39
Depoimento – “Nunca é tarde para aprender”	42
Depoimento – “O cinema era vivido, debatido, tensionado”	43
Depoimento – “Ver juntos”	45
Depoimento – A luta antimanicomial resiste	47

APRESENTAÇÃO



Durante o ano de 2025, o Cineclube Jece Valadão realizou o projeto A loucura habita o cineclube, com atividades destinadas a colocar em evidência a temática da saúde mental.

Ao todo, foram 12 sessões, sendo seis delas direcionadas especificamente para os usuários do Centro de Atenção Psicossocial II (Caps II) de Cachoeiro de Itapemirim, e outras seis voltadas para o público em geral e junto a organizações como o coletivo Levante de Rua e o Centro de Referência das Juventudes (CRJ) de Cachoeiro.

Ações adicionais relacionadas ao projeto também alcançaram outros grupos e instituições de forma pontual, como o Centro de Atenção Psicossocial para Álcool e Outras Drogas (Caps-ad) e a Associação de Proteção e Assistência aos Condenados (Apac) de Cachoeiro.

Idealizado pela psicóloga e cineclubista Marina Balarini, o projeto seguiu dentro da perspectiva abraçada historicamente pela Luta Antimanicomial, que defende o cuidado em liberdade para pessoas com sofrimento psíquico. Nessa visão, a arte e a cultura desempenham um papel terapêutico fundamental.

Assim, nos somamos à luta por uma sociedade sem manicômios a partir do nosso trabalho com o audiovisual. As sessões, como é possível apreender nos textos aqui elencados, nunca se resumiram ao “cinema”: foram encontros afetivos, nos quais buscamos criar pontes para o cuidado mútuo. Ao abraçarmos a “loucura”, portanto, buscamos combater o sentido pejorativo do termo quando utilizado como um adjetivo atribuído a pessoas com sofrimento psíquico.

Nesta edição da revista do cineclube, apresentamos os relatos das sessões do projeto e depoimentos da equipe do cineclube e de usuários que participaram, além de um breve texto com informações sobre os desafios da Reforma Psiquiátrica e a respeito do funcionamento da Rede de Atenção Psicossocial (Raps) em Cachoeiro de Itapemirim.

Boa leitura!

Equipe Cineclube Jece Valadão





Relatos de Sessões

Sessão I – Encantadora loucura

Dois filmes sobre pessoas que dão vida às ruas do interior do Espírito Santo



Nosso primeiro contato presencial com os usuários e trabalhadores do Caps II de Cachoeiro foi no dia 17 de março de 2025. Decidimos fazer a exibição no próprio equipamento, como forma de criar uma aproximação com aquele público.

Para essa sessão de abertura, escolhemos dois curtas-metragens do sul do Espírito Santo que falam sobre os chamados “loucos de rua”, figuras que comumente transitam pelas vias públicas do Brasil.

No filme **Locus** (2010), esse tema ganhou uma abordagem documental.

O curta-metragem dirigido por Klaus'Berg trata da relação afetiva de moradores de Alegre com pessoas com transtorno mental e/ou deficiência intelectual que transitam pela cidade interiorana. Assim, tivemos a oportunidade de travar contato com figuras como “Banana” e “Fumaça”.

Além dos depoimentos e filmagens das pessoas em questão, a obra apresenta imagens “espetaculares” do município, registrando a realização de rodeios, o funcionamento de brinquedos em um parque de diversões e um desfile cívico-escolar, combinando tudo por meio de uma espécie de “montagem de atrações”, dando um tom alucinatório à própria forma do filme.



Locus
(26', 2011, DOC, BR-ES)
Direção: Klaus'Berg

Já Os lados da rua (2012) é um singelo curta-metragem ficcional, dirigido por Diego Zon. A obra tem como protagonista o personagem apelidado de “Carrão”, um homem que transita pelas ruas de Muqui a bordo de um veículo que só ele mesmo consegue ver.

No filme, o protagonista vive em um ambiente que se “adaptou” à sua “excentricidade”, mas por onde também passam pessoas que podem ser bastante cruéis. Para superar os obstáculos no caminho, “Carrão” terá que recorrer ao poder da própria imaginação.



Os lados da rua
(16', 2012, FIC, BR-ES)
Direção: Diego Zon

Logo após a exibição, alguns usuários manifestaram satisfação pelo fato de verem na tela personagens com experiências de vida parecidas com as deles próprios.

Um momento particularmente impactante do debate foi quando uma das mulheres presentes, explodindo em lágrimas, aproveitou a oportunidade para relatar que havia sofrido violência porque o marido não entendia o seu sofrimento psíquico.

Em meio ao acolhimento oferecido pela equipe do Caps e ao debate que prosseguia, uma outra pessoa contou a sua própria história de superação de uma situação de violência doméstica.

Assim, tivemos a oportunidade de observar, na prática, o poder das sessões cineclubistas em proporcionar o compartilhamento de experiências comuns e de abrir caminhos para uma forma alternativa de cuidado.

Filmes disponíveis no YouTube e em plataformas de acesso gratuito, como Capixabaflix e Videosaude.

Sessão 2 – Em busca de reconexão

Um documentário sobre um hospital psiquiátrico e o desafio de recomeçar

Nossa segunda sessão, realizada no dia 27 de março, no espaço Sessão 103, foi com o longa-metragem *A loucura entre nós* (2016), de Fernanda Vareille. O documentário dá voz a pessoas internadas no Hospital Psiquiátrico Juliano Moreira, em Salvador (BA).

As principais personagens são mulheres, e o filme acompanha os desafiantes processos de reconexão social delas com o ambiente externo, com a “sociedade”.



[Filme Disponível no Youtube](#)

Lançado há dez anos, *A loucura entre nós* serve como um registro das contradições de uma Reforma Psiquiátrica que ainda não se realizou completamente. A obra apresenta um hospital em que pessoas dizem frases desconexas por entre grades, em que os “doentes” parecem estar à deriva pelos corredores da instituição.

Ao mesmo tempo, os internos recebem um tratamento humanizado, em contraposição aos horrores registrados nos grandes manicômios do passado.

Há, também, o cuidado em abordar as particularidades de diferentes trajetórias de pessoas que passam pelo hospital. Temos a oportunidade de ouvir Leonor, uma espirituosa mulher de classe média, com ambições artísticas. Já Elizangela vem de um território social marginalizado, e acompanhamos, ao longo do filme, parte de seu processo de “cura”. Israel, por sua vez, está sempre no ateliê de artes, onde ele realiza suas obras com a calma que lhe convém.

O pequeno grupo que compareceu à exibição no Sessão 103 debateu, após o filme, os desafios do cuidado em liberdade que é tão reivindicado pela luta antimanicomial.

Um dos momentos mais marcantes foi quando Brenda Perim, nossa colega de cineclube, relatou de forma emocionante os desafios que estava enfrentando com o adoecimento mental de seu companheiro, **Marco Antônio Reis**, um artista genial e grande amigo nosso.

Algumas semanas depois, pouco antes de nos deslocarmos para a terceira sessão do projeto *A loucura habita o cineclube* (que acabou cancelada), recebemos a notícia da trágica morte de **Marco Antônio**.

Esse acontecimento colocou todo o nosso trabalho posterior em perspectiva.

Tivemos, afinal, que aceitar a triste verdade de que, mesmo com todo o esforço de dar às discussões sobre saúde mental o foco que merecem, nosso poder de agir socialmente é limitado.

Mas não desistimos de lutar.



Sessão 3 – Ideias ao ar livre sobre população de rua

Uma noite de exibição realizada na Praça de Fátima com o Levante de Rua

No dia 27 de abril, nos juntamos aos nossos parceiros do coletivo Levante de Rua para uma sessão muito especial na Praça de Fátima, um dos principais espaços públicos de Cachoeiro, mas que está bastante sucateado. Dentro do escopo do nosso projeto, decidimos fazer uma sessão sobre pessoas em situação de rua.

Exibimos dois filmes de curta-metragem. Em *Afetações a céu aberto de quem vive a céu aberto* (2024), Rossana Pontes, Nicollas Rezende e Gil Oliveira entrevistaram pessoas em situação de rua acolhidas pela Cáritas Diocesana da Diocese de Cachoeiro de Itapemirim, que tiveram a oportunidade de contar suas histórias.

Já havíamos exibido o filme em outra sessão do cineclube, mas existia um desejo por parte dos realizadores (então estudantes formandos de Psicologia) de exibi-lo em espaço público aberto.



O outro vídeo que exibimos foi *Renascendo sobre as rodas: A vitória de um skatista sobre as drogas* (2023), em que o skatista paulista Regis Adriano, conhecido como “Gringo”, fala sobre o seu processo de enfrentamento à dependência química, que o levou a viver nas ruas.

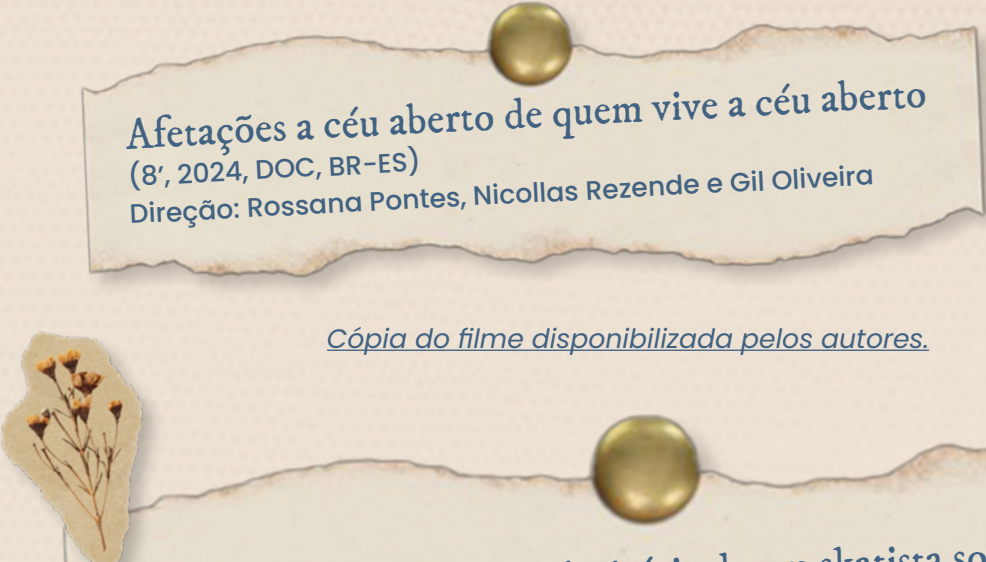
Foi importante exibir os filmes naquele local, tendo em vista que a cultura do skate é muito presente no público do Levante de Rua.

Depois dos filmes, como sempre acontece, fizemos uma roda no centro da praça para debater as questões abordadas na exibição. Para a nossa surpresa, uma das participantes reproduziu falas preconceituosas sobre pessoas em situação de rua que tanto buscamos combater, comentários como o de que essa população é “vagabunda” e “não quer trabalhar”, ou que são apenas “drogados” e “preguiçosos”.

Entretanto, isso não foi um problema em sua totalidade, tendo em vista que se tornou uma oportunidade de os demais presentes rebater esses tipos de afirmações. Enfatizamos, por exemplo, que a maioria das pessoas em situação de rua são pessoas de baixa renda, com nível de instrução diminuído e que, em geral, tiveram vínculos afetivos fragilizados; que há pesquisas indicando que há mais imóveis desocupados nas grandes cidades do que pessoas nas ruas; e que os programas sociais voltados para esses grupos, sobretudo em Cachoeiro, carecem de investimento básico.

Também aproveitamos para mobilizar as pessoas presentes para uma audiência pública sobre pessoas em situação de rua que aconteceria dali a alguns dias na Câmara de Vereadores de Cachoeiro, e que estava sendo organizada por políticos de extrema direita, com discurso higienista.

O cineclube, como vimos nessa ocasião, precisa abrir espaço para o confronto de ideias. Só assim conseguimos combater visões equivocadas. Não é possível evoluir apenas reproduzindo os mesmos discursos de sempre.



Afetações a céu aberto de quem vive a céu aberto
(8', 2024, DOC, BR-ES)
Direção: Rossana Pontes, Nicollas Rezende e Gil Oliveira

Cópia do filme disponibilizada pelos autores.

Renascendo sobre as rodas: A vitória de um skatista sobre as drogas
(9', 2023, DOC, BR)
Direção: SP Invisível

Disponível no YouTube.

Sessão 4 – Memórias manicomiais

Uma sessão para lembrar daquilo que ainda precisamos superar



Em 18 de maio, comemora-se o Dia Nacional da Luta Antimanicomial. Em 2025, a data coincidiu com um domingo. Decidimos, então, aproveitar a oportunidade para fazer uma sessão especial no espaço Sessão 103.

Pelas paredes, projetamos algumas fotos do nosso amigo Marco Antônio Reis, falecido no mês anterior, e também colocamos recortes de jornais antigos com menções aos dois principais manicômios que existiram em Cachoeiro: o Asilo Deus, Cristo e Caridade, também conhecido como Lar Jeronymo Ribeiro; e a Clínica de Repouso Santa Isabel.

Junto a isso, fizemos uma edição da performance Ciclo Sentidos, criada por Marco Antônio e Brenda Perim, da Cia NÓS de Teatro. Nela, uma única pessoa por vez é convidada a entrar em um espaço fechado, sem sapatos e com os olhos vendados, para experimentar sensações táteis e olfativas, sempre guiada por um dos artistas da performance.



Feito o percurso, a pessoa se senta em uma cadeira de frente para um segundo performer, para o qual deve narrar uma história de sua própria vida – pouco antes de ouvir o artista narrar trechos de uma crônica de Rubem Braga. Ao final, o participante ganha um dos livros com histórias anônimas de outros que passaram pela experiência anteriormente.



Para a exibição audiovisual, optamos por *Holocausto Brasileiro* (2016), documentário realizado a partir do livro homônimo da jornalista Daniela Arbex, que narra os horrores do Hospital Colônia de Barbacena, na cidade de mesmo nome em Minas Gerais. Mais de 60 mil pessoas morreram dentro da maior instituição psiquiátrica do Brasil.

Dessa forma, buscamos ampliar a conscientização a respeito dos crimes contra a humanidade cometidos em nome do tratamento às doenças mentais, ao mesmo tempo em que apontamos para outros horizontes de cuidado em liberdade, incluindo o importante papel da arte e da cultura nesse processo.

Também ficou bastante marcado para nós a ausência de memória em Cachoeiro a respeito dos manicômios do município – o que demanda a realização de novos projetos para resgatar esse passado histórico.

[Disponível no YouTube e em plataformas de streaming.](#)

Sessão 5 – O poder dos encontros

Um filme para celebrar a primeira visita do Caps II ao Sessão 103



No dia 20 de maio de 2025, usuários e parte da equipe de trabalhadores do Caps II de Cachoeiro visitaram o espaço Sessão 103 pela primeira vez. Desde a concepção, o projeto previa proporcionar a essas pessoas a oportunidade de saírem um pouco do equipamento de origem para vivenciar a cidade.

Para nós, foi muito divertido e gratificante ouvir comentários do tipo:

"Nunca tinha ido a um lugar tão bonito assim antes!"

Para essa sessão, escolhemos exibir um único curta-metragem, *O dia de Jerusa* (2014). Nessa obra singela, a jovem Silvia percorre um bairro de São Paulo fazendo uma pesquisa de opinião, quando chega à casa de Jerusa, uma senhora solitária que está nos preparativos de seu aniversário de 77 anos.

À medida que o tempo passa, a entrevista burocrática vai se tornando um encontro emotivo entre duas almas carentes de afeto.

Um ponto importante do filme é que todas as personagens são interpretadas por pessoas negras – o papel de *Jerusa* ficou a cargo da celebrada atriz Léa Garcia, que faleceu em agosto do ano passado.

Uma das usuárias presentes na sessão, emocionada, declarou que se identificava muito com a protagonista da narrativa.

Antes de passarmos o filme em si, exibimos um vídeo antigo que fazia referência a um manifesto contra a Clínica de Repouso Santa Isabel, à época da gravação ainda em funcionamento.

Um dos usuários do Caps II aproveitou a oportunidade para citar brevemente a sua experiência na Santa Isabel, onde sofria agressões e tomava injeções forçadamente.

Como aconteceria em diversas ocasiões, alguns dos presentes não estavam tão interessados no filme em si. Queriam apenas aproveitar o lanche, jogar conversa fora, escutar uma música e dançar um pouco.



A sessão cineclubista, felizmente, nunca se resume apenas ao filme.



O dia de Jerusa
(20', 2014, FIC, BR-SP)
Direção: Viviane Ferreira

[Disponível no YouTube.](#)

Sessão 6 - Não recomendado à sociedade

Tirando sarro da patologização das pessoas LGBTQIAPN+

É uma loucura (perdão pelo mau uso do termo!) pensar que foi só em 1990 que a Organização Mundial da Saúde (OMS) retirou a homossexualidade da Classificação Internacional de Doenças (CID).

Há 36 anos, seria possível oferecer a uma pessoa LGBTQIAPN+ um tratamento de saúde com validação científica para se curar de sua “condição”.

Historicamente, os manicômios também eram locais para abrigar “degenerados sexuais”.

Com o intuito de refletir sobre esse tema, mas de uma forma leve, exibimos no espaço Sessão 103, o filme satírico *Nunca fui santa* (1999), única obra estrangeira selecionada para o projeto.

A protagonista da narrativa é Megan, uma típica adolescente branca de classe média dos Estados Unidos, que vive uma rotina como estudante e líder de torcida do time de futebol do colégio.

Porém, seus pais, amigos e até o namorado acham que ela não é “feminina o suficiente”, e arranjam um plano para interná-la em uma clínica de “reabilitação” que promete “curar” a homossexualidade.

A iniciativa acaba tendo efeito contrário, uma vez que Megan, que até então não se questionava sobre a própria sexualidade, ganha a oportunidade de se descobrir em meio a outras pessoas LGBTQIAPN+.

Antes do longa-metragem, exibimos o curta *Tommy Brilho* (2018), por indicação do cineclubista Bruno Silva. A obra trata da história do primeiro aluno invisível de uma universidade brasileira – só conseguimos ver suas roupas, não seu corpo. Essa foi uma estratégia bem-humorada para tratar da invisibilidade enfrentada cotidianamente por boa parte da população LGBTQIAPN+.

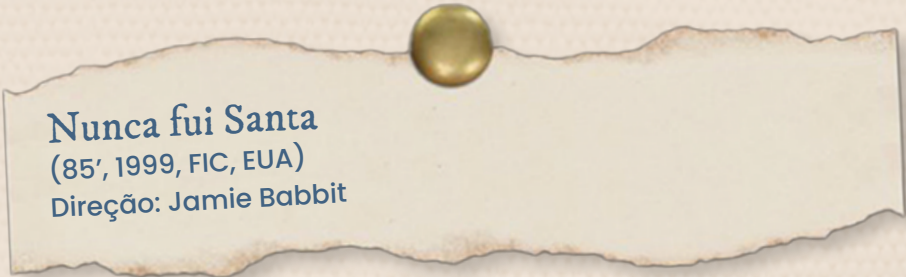
Após os filmes, nos vimos compelidos a debater o que realmente mudou nos últimos



anos em termos de diversidade sexual e de gênero. Se é verdade que, oficialmente, a homossexualidade não é mais tratada como uma doença em grande parte dos países do mundo, isso não quer dizer que a LGBTfobia deixou de ser um problema a ser enfrentado. Até porque, com a ascensão de uma onda conservadora no Brasil e a nível global, crenças e métodos como a famigerada “Cura Gay” continuam na ordem do dia.

Outro ponto ressaltado no debate diz respeito às dificuldades de pessoas com orientações sexuais não normativas em conseguir um processo de autodescoberta sem sobressaltos. Assim como a protagonista de *Nunca fui santa*, muitos de nós somos empurrados para “fora do armário” antes mesmo de percebermos que estávamos lá dentro, o que pode gerar incompreensão, angústia e sofrimento.

Mais do que nunca, é preciso que continuemos a dizer em alto e bom som que pessoas LGBTQIAPN+ não são mais “loucas” do que qualquer um daqueles que insistem em lhes impor a pecha de “anormais”.



Nunca fui Santa
(85', 1999, FIC, EUA)
Direção: Jamie Babbit

[Disponível em plataformas de streaming.](#)



Tommy Brilho
(17', 2018, FIC, BR)
Direção: Sávio Fernandes

[Disponível no YouTube.](#)

Sessão 7 - A realidade é o bicho

Sobre um clássico do cinema nacional e a sobrevivência dos manicômios



Disponível em plataformas de streaming.

O filme ***Bicho de sete cabeças*** (2000) tornou-se um clássico do cinema brasileiro, tendo sido exibido até mesmo em rede de televisão nacional. Ainda assim, passados 26 anos desde o seu lançamento, há muito gente que nem sequer sabe da sua existência.

Essa é uma obra particularmente importante para a Luta Antimanicomial. Inspirado no livro *Canto dos Malditos*, em que Austregésilo Carrano Bueno (1957-2008) conta a sua história real, o filme tem como personagem principal Neto (interpretado por Rodrigo Santoro), um jovem de classe média baixa que mantém uma relação péssima com sua família. Certo dia, o pai, Wilson, acha um cigarro de maconha nos pertences do filho e decide interná-lo em um manicômio, onde enfrenta condições terríveis.

Os manicômios parecem coisas que ficaram no passado – mas não é bem assim. O próprio Estado do Espírito Santo financia diretamente nos tempos atuais cinco Comunidades Terapêuticas (CTs), um tipo de instituição de caráter religioso que promete tratamento contra dependência química, mas que frequentemente é denunciado por violações de direitos humanos, incluindo emprego de trabalho análogo à escravidão como “laborterapia”.

Em dezembro passado, um homem foi encontrado morto em uma CT de Ribeirão Preto (SP) com sinais de espancamento, segundo informações da imprensa nacional.

Por isso é tão importante não deixar que caiam no esquecimento os abusos cometidos por aqueles que supostamente ofereciam tratamento para transtornos psíquicos.

E, como um retrato realista das situações vividas pelo autor original dos relatos, Bicho de sete cabeças não tem pudor em exibir certo nível de violência.

Isso levou a questionamentos, internos e externos, sobre o tipo de conteúdo que seria “adequado” para os usuários do Caps II. Mas a conclusão a que chegamos, afinal, é de que situações como as que foram vivenciadas no filme fazem parte da realidade, e as pessoas que são atendidas no Caps II não podem viver eternamente sob uma tutela moral.

Ao contrário, é mais do que necessário continuar debatendo sobre o que se passa no mundo, com todas as suas belezas e violências, pois só assim podemos, de fato, alcançar algum tipo de cura.



Sessão 8 – Territórios psíquicos

Uma caminhada e uma sessão para refletir sobre cidade e saúde mental

No dia 2 de agosto, organizamos uma exibição no Sessão 103 para tratar de como os ambientes em que estamos inseridos nos afetam mentalmente, como que criando “territórios psíquicos”. Mas, antes de chegar aos filmes, fizemos uma atividade bem diferente.

Nós abrimos uma chamada na internet para interessados em participar de uma caminhada fotográfica pelo Centro de Cachoeiro de Itapemirim, passando por locais onde funcionaram antigas salas de cinema de rua da cidade.

O intuito era instigar os caminhantes a olhar ao redor, registrar a paisagem, tentar imaginar a história que o concreto tapou e refletir sobre as mudanças urbanas sempre em curso. Como inspiração, tivemos o projeto da parceira Taynara Barreto, *A cidade se faz no caminho*, iniciativa que ela colocou em prática anos antes no município de Alegre (ES).

Foi só após um lanche revigorante que demos início à exibição. Foram dois documentários de curta-metragem. Um deles, *Di profundis* (2014), apresenta relatos de habitantes de Nova Itacuruba, cidade do sertão de Itaparica, em Pernambuco, onde há o maior índice de suicídios do país.



O adoecimento psíquico em massa, como mostra o filme, tem relação direta com o deslocamento forçado dos moradores, tendo em vista que a antiga cidade fora inundada pela barragem de uma hidrelétrica. Desterritorializados, o povo de Nova Itacuruba viu seu chão ser literalmente afundado, criando um trauma coletivo insuperável.

Rio das lágrimas secas (2018), o segundo curta-metragem, também trata de um trauma coletivo: o rompimento da barragem da Samarco (empresa controlada pela Vale e pela BHP Billinton) em Mariana (MG), em 2015, resultou no despejo de milhões de metros cúbicos de rejeitos de minério de ferro pelo Rio Doce, até chegar ao litoral capixaba.

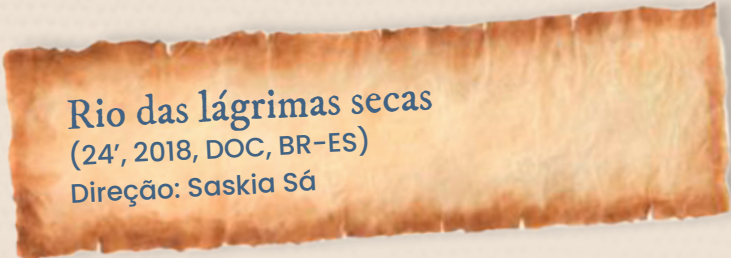
O filme apresenta relatos de comunidades impactadas em Minas Gerais e no Espírito Santo. Em um dos diversos trechos emocionantes da obra, uma moradora da vila de Regência, em Linhares, conta que, ao saber que a onda de minério estava se aproximando, entrou no rio uma última vez para se despedir.

A sessão carregada de histórias tristes acabou funcionando como uma espécie de anticlímax para uma tarde de passeio agradável. Mas foi importante para refletirmos sobre a situação urbanística de Cachoeiro e para reafirmarmos, mais uma vez, que saúde mental tem a ver com as nossas condições de vida, não se resumindo a um problema biológico, tratável exclusivamente com medicamentos e psicoterapia individual.



Di profundis
(21', 2014, DOC, BR)
Direção: Isabela Cribari

[Disponível no YouTube.](#)



Rio das lágrimas secas
(24', 2018, DOC, BR-ES)
Direção: Saskia Sá

[Disponível no Vimeo e na plataforma Capixabaflix.](#)

Sessão 9 – Marcas psíquicas da violência

Uma sessão especial para falar sobre violência doméstica



A equipe do Caps II havia dito a nós que estava trabalhando com os usuários naquelas semanas questões relacionadas a violência doméstica. Além das marcas físicas, a violência de gênero produz traumas psicológicos profundos. Com isso em mente, fizemos as escolhas dos dois filmes de curta-metragem ficcionais para a atividade do dia 21 de agosto, quando receberíamos mais uma vez o grupo do Caps II no espaço Sessão 103.

Em *Ao lado* (2024), a pequena Alice vê seu mundo de conto de fadas ser invadido pela presença de uma vizinha que pede ajuda contra o marido violento. A criança e sua mãe, vivendo longe da família em uma cidade do interior, terão que acolher essa mulher que mal conhecem, formando novos laços de afeto e cuidado.

Já *Firmina* (2023) se passa numa grande metrópole. Tudo o que a protagonista que nomeia o filme quer é cuidar da própria mudança de apartamento sozinha, com tempo para se concentrar em suas realizações artísticas. Até que ela começa a escutar pedidos de ajuda de uma mulher em algum apartamento vizinho.

Ela tenta oferecer socorro, mas descobre que perdeu as chaves de casa. Entre memórias de seu próprio sofrimento vivido no passado, ela precisa encontrar novos artifícios para vencer a indiferença das pessoas que passam pela sua janela.

Os filmes pareciam quase que uma continuação um do outro: após a cena final de *Ao lado*, em que as personagens pegam um carro em busca de horizontes mais acolhedores, chegamos à abertura de *Firmina* a bordo do veículo que leva a protagonista para a sua nova residência. Os dois curtas-metragens valorizam a forma como as mulheres criam redes de afeto e saídas para situações de opressão.

No debate pós-sessão, uma das mulheres presentes se sentiu à vontade para relatar sua própria experiência de superação da violência doméstica. Definitivamente, não há como falar de saúde mental sem tratar das violações a que grupos vulnerabilizados estão submetidos.

Ao lado

(14', 2024, FIC, BR)

Direção: Lucy L.



Firmina

(15', 2023, FIC, BR)

Direção: Iza Neiva



Sessão 10 – A tristeza do corre cotidiano

Discutindo a realidade dos entregadores de aplicativo com a juventude

A atividade do dia 26 de setembro teve como convidados especiais jovens que frequentam o Centro de Referência das Juventudes (CRJ) de Cachoeiro.

O Cineclube Jece Valadão esteve no CRJ em outras duas oportunidades, mas essa foi a primeira vez que os recebíamos no nosso espaço, o Sessão 103.

Para essa atividade, procuramos escolher algum filme que falasse sobre a realidade da juventude periférica brasileira, mas dialogando com o objetivo do nosso projeto de abordar questões sobre saúde mental.

Nós lembramos, então, do curta-metragem experimental *Fantasma neon* (2021), que teve carreira de sucesso em festivais de cinema.

O filme de ficção aborda o cansaço físico e mental de quem trabalha nas ruas fazendo entregas para aplicativos como o Ifood, mas a partir de uma abordagem estética pouco usual no cinema tradicional.

Em vez de uma história com início, meio e fim, os personagens cantam e dançam, numa mistura lúgubre de funk carioca e samba.

Em determinada sequência, jovens apenas se postam em frente à câmera, enquanto ouvimos suas queixas íntimas por meio de narração em off. Também há diálogos e cenas que servem menos para criar um efeito dramático do que para expor, de forma direta, a deprimente rotina de exploração a que esses trabalhadores são submetidos.

O filme aborda a precarização do trabalho e a invisibilidade dos entregadores de aplicativo que, embora tenham sido fundamentais durante a pandemia, seguem ignorados pelo Estado e pela sociedade — mesmo quando vestem uniformes de cores vibrantes.



No debate pós-filme, foram abordados temas como a precarização do trabalho, saúde mental, racismo e cotidiano da vida dos jovens. Um jovem compartilhou a história de uma abordagem policial abusiva e violenta pela qual havia passado recentemente, quando estava caminhando pela rua, e houver ainda discussões sobre as violências que pessoas da periferia vivenciam diariamente apenas por pertencer a um território considerado marginalizado.

A atividade não se resumiu ao filme. Os jovens colocaram quadros pintados por eles em uma das paredes do Sessão 103, onde ficaram colorindo nosso espaço por alguns meses.

Fantasma Neon
(20', 2021, FIC, BR)
Direção: Leonardo Martinelli

Disponível em plataformas de streaming.



Sessão II – A arte cura onde dói

A transformação operada pela atividade artística em um hospital psiquiátrico

Naquele 30 de outubro, os usuários fariam mais uma visita ao nosso Sessão 103. O Caps II estava para receber uma atividade de grafiteagem, que coloriu o muro da entrada do equipamento, e a equipe nos sugeriu trabalhar com algum filme que tratava sobre arte e cultura.



Escolhemos, então, o documentário *Epidemia de cores* (2014). A obra narra o cotidiano dos participantes e coordenadores da Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro, em Porto Alegre (RS). Internos e ex-internos desenvolvem suas criações artísticas no espaço.

O filme mostra a transformação da tinta no hospital, com o concreto cinza que ganhou vida. Os registros mostram os usuários podendo se expressar com total liberdade. As imagens são intercaladas com entrevistas concedidas por pessoas que compõem a equipe faz as oficinas e com alguns dos pacientes.

Uma das dúvidas que tínhamos dizia respeito à aceitação dos participantes do Caps II a uma sessão com um documentário de longa-metragem – ainda que relativamente curto, 70 minutos. Mas as nossas dúvidas se dissiparam logo no início do debate, com o público mostrando satisfação em ver na tela a transformação operada pela arte naquele estabelecimento que, anos atrás, era apenas mais um “depósito de gente”.



Epidemia de cores
(70', 2016, DOC, BR)
Direção: Mário Saretta

Disponível no YouTube.



Sessão 12 - Encontros quixotescos pela cidade

Um filme sobre pessoas com deficiência e o poder da imaginação

Para a última sessão do projeto, a equipe do Caps II, sugeriu que fechássemos com um filme bem alegre. Não sei se atingimos exatamente esse objetivo, mas consideramos ter feito uma boa escolha com o curta-metragem *Ela mora logo ali* (2022).

O filme, uma produção ficcional do estado de Rondônia, conta a história de uma ambulante que passa os dias pelas ruas vendendo bananas fritas, como forma de ter renda suficiente para cuidar do filho com deficiência. A rotina dela muda ao ter contato no ônibus com uma passageira leitora. Analfabeta, ela fica encantada com a narrativa do livro Dom Quixote relatado pela companheira do transporte coletivo.



Ela mora logo ali
(16', 2022, FIC, BR)
Direção: Fabiano Barros e Rafael Rogante

Disponível na plataforma Itaú Cultural Play

Mais do que isso, a protagonista acaba encontrando nas histórias uma forma de dar mais tranquilidade ao filho acamado. E o fato de o livro ser Dom Quixote (ou “Dom Caixote”, como diz a vendedora) não parece ser casual: se, para alguns, o personagem-título desse clássico da literatura é apenas um louco, para outros tantos, Quixote é o símbolo de uma mente liberta pela imaginação.

Com um discreto tom humorístico, *Ela mora logo ali* é uma exaltação do poder da imaginação e uma obra que fala sobre neurodivergência com muita delicadeza, encantando a todos os que se reuniram na salinha do Caps II para ver o filme.



A atividade foi ainda mais especial por conta da participação de Luisa Pitanga, uma jovem com deficiência de Cachoeiro que desenvolve um importante trabalho de criação de conteúdo nas plataformas digitais.

Dessa vez, não quisemos nos alongar muito no debate. Demos algumas folhas de papel para os usuários do Caps e os incentivamos a escrever qualquer coisa que achassem importante. Alguns também puderam dar depoimentos para vídeos gravados pela Luisa. Houve ainda quem preferisse ficar em silêncio – *que também é uma forma de expressão importante*.



Outras Sessões



O projeto A loucura habita o cineclube “começou antes de começar”.

Em outubro de 2024, após contato da assistente social Maria Almeida, intermediado pelo nosso saudoso amigo Marco Antônio Reis, o Cineclube Jece Valadão realizou um ciclo de exhibições de filmes seguidos de debates para os usuários do Centro de Atenção Psicossocial para Álcool e Drogas (Caps-ad).

O início de fato das atividades do projeto ocorreu apenas em 2025, mas decidimos fazer atividades extras para contribuir com o trabalho da Maria, que participava de um programa de residência na instituição.

Ao todo, foram realizados cinco encontros, entre outubro e dezembro daquele ano, os quais aconteceram em espaços culturais da cidade e no próprio Caps-ad. Mas a

atuação do cineclube ao longo do último ano não se restringiu a esse projeto. No dia 8 de março de 2025, Dia Internacional da Mulher, fizemos uma panfletagem no Centro da cidade e a exibição do filme Incompatível com a vida (2023), documentário que trata das dificuldades de acesso ao aborto legal no Brasil. A atividade foi realizada em parceria com o Fórum de Mulheres do Espírito Santo e o coletivo Não Só Mais Um Silva.

No dia 14 de março, inauguramos oficialmente o espaço Sessão 103, que se propõe a conciliar ações de saúde mental com as atividades do cineclube. Foi um evento muito especial, em que utilizamos as paredes para fazer projeções audiovisuais. Também contamos com uma apresentação especial do cantor Ronnie Silveira.

No dia 24 de maio, participamos da 5ª Semana Municipal de Combate à LGBTfobia exibindo o filme Toda noite estarei lá, documentário sobre a batalha da mulher

trans Mel Rosário para ser aceita em uma igreja evangélica de Vitória.

Ainda em maio, participamos do Sarau Verbo Intransitivo, do Grupo Anônimos de Teatro. No dia 4 de junho, fomos até o Palácio Bernardino Monteiro participar do 1º Ecocine Caxú, uma parceria com nossa amiga Mirian Teixeira. Exibimos o documentário *Marinho* (2025), sobre a importância de um rio que marca a divisa entre os municípios de Vila Velha e Cariacica.

No dia 27 de junho, no Mês do Orgulho LGBTQIAPN+, o Sessão 103 também cedeu espaço para o lançamento do documentário *Noites proibidas* (2025), sobre um dos principais projetos de valorização da diversidade sexual e de gênero em Cachoeiro. Logo depois da exibição, o público saiu para curtir o Encontro dos Amigos da Praça Vermelha, que acontecia bem ali perto.

Nos dias 11, 12 e 13 de julho, um grupo do cineclubes foi até Vitória para participar do 7º Encontro Estadual de Cineclubes, importante momento de intercâmbio entre os cineclubistas do Espírito Santo.

Outro projeto importante do ano foi o Caminhos do cinema em Cachoeiro,

relacionada a uma pesquisa sobre antigas salas de cinema de rua no município.

Por meio dele, proporcionamos a realização de uma oficina de fotografia com Taynara Barreto, no dia 24 de maio; uma caminhada fotográfica pelo Centro da cidade, em agosto; e a exibição do filme *Retratos fantasmas* (2023), no dia 19 de novembro.

Durante o ano, fizemos ainda sessões esporádicas em parceria com as distribuidoras nacionais Embaúba Filmes e Vitrine Filmes. Foi assim que exibimos as obras *Amizade* (2025); *Ilha das Flores* (1989) e *Saneamento básico*, o filme (2007) – esses, comemorando os 19 anos de fundação do cineclubes; e *Um lobo entre os cisnes* (2025).

Já no final do ano, em dezembro, demos início ao projeto *Memórias Faladas*, com oficinas de vídeo e a gravação de um documentário de curta-metragem com depoimentos de usuários do Caps II.

Também podemos esquecer das nossas sessões junto à Associação de Proteção e Assistência aos Condenados (Apac) de Cachoeiro, levando filmes mensalmente para pessoas em situação de privação de liberdade.



Depoimentos

... that
... action &
... despite
... explanation
... the people
... best
... The fight
... action, and being
... little subsided, returned with
... the application, for now of hand
... was a mistake
... by far the most
... of other circumstances, the appearance
... the solemnity of the funeral, the
... to the meeting house ^{was} affecting
... was delivered, suitable to the occasion;
... solemn procession from thence to the graves,
... the last office was performed, to the remain
... my dear & parted brother in the end all in the
... of solemn, regular & orderly manner, the cheer
... long willingness, & alacrity of those who assisted,
... which I thought reflected honor not only upon the
... he

“O que eu faço agora?”

- Por Marina Balarini



Após me formar em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense, no campus de Campos dos Goytacazes – período em que dediquei grande parte dos meus estudos à Saúde Mental e à luta antimaniacomial – retornei a Cachoeiro de Itapemirim, minha cidade natal, atravessada por uma pergunta inquietante: **o que eu faço agora?**

Esse retorno ao território se deu, inicialmente, por meio da cultura. Passei a frequentar espaços como o Centro Cultural Luz del Fuego e o Cineclube Jece Valadão, que se apresentaram como possibilidades de criação de laços com a cidade e de escuta do que nela circulava.

A proposta do projeto junto ao cineclube e sua posterior realização surgem a partir de uma oficina de produção cultural com a Cia Nós de Teatro e de uma aproximação com o Caps II do município. Nesse contato, percebi uma demanda de atividades e eventos culturais voltados aos usuários do serviço – pessoas que frequentam cotidianamente o Caps e compartilham sofrimentos atravessados por estigmas, conflitos familiares, racismo e, muitas vezes, pelo próprio diagnóstico psiquiátrico.

É nesse contexto que nasce o desejo de articular saúde mental e cinema junto aos usuários do Caps II. Enquanto aguardávamos a aprovação de um edital, fomos convidados por uma residente do Caps-ad, que buscava atividades para desenvolver com os usuários do serviço. A partir desse convite, iniciamos sessões de filmes que aconteceram em diferentes espaços da cidade: no Centro Cultural Luz del Fuego, no próprio Caps-ad e no Palácio Bernardino

Monteiro.

Mais do que exibir filmes, interessava-nos possibilitar que os usuários ocupassem a cidade, circulassem por outros espaços, transitassem por territórios que historicamente lhes foram negados. As sessões e os debates que se seguiram se revelaram profundamente potentes, abrindo espaço para conversas sobre a vida, o sofrimento, o tratamento em saúde mental e as próprias instituições. Nesses encontros, a palavra apareceu como fio condutor do cuidado, reafirmando a importância de dispositivos que favoreçam a fala, o laço e a escuta.

No início de 2025, damos início ao projeto **A loucura habita o cineclube**, com sessões realizadas tanto no Caps II quanto no espaço do Cineclube Jece Valadão. Acredito que criar um vínculo com a instituição e com os usuários foi um desafio, mas com o passar dos meses fomos construindo uma relação de confiança e afeto com eles, tanto que ao final de algumas sessões alguns já perguntavam pelo próximo encontro.

É importante destacar que esse projeto só se torna possível a partir dos avanços da Reforma Psiquiátrica brasileira – marco histórico que promove o fechamento dos manicômios e a construção da Rede de Atenção Psicossocial (Raps), da qual os Caps fazem parte. Em Cachoeiro de Itapemirim, o manicômio Santa Isabel, instituição privada conveniada ao SUS, foi fechado apenas em 2016, quinze anos após a promulgação da lei, enquanto o Caps foi fundado em 2004.

Esses dados evidenciam que a Reforma Psiquiátrica é uma luta que não está vencida, é preciso estar atento às atualizações da lógica manicomial.

Durante os encontros, ouvimos relatos marcados por sofrimento de pessoas que vivenciaram internações nessa clínica e que hoje afirmam amar frequentar o Caps. Diante disso, reforça-se a importância de construir, junto aos usuários, um pensamento antimanicomial, debatendo filmes que abordem a loucura, a história da saúde mental no Brasil e questões contemporâneas do cuidado. Compreende-se, assim, que a saúde mental exige um cuidado integral, em rede, multiprofissional e territorial, comprometido com a liberdade, a autonomia e a dignidade dos sujeitos.

Tentar trazer esse movimento e essa intervenção, com a arte do cinema, é interessante porque vejo o cineclube como uma ferramenta maravilhosa de “fazer sentir” e “fazer falar” com imagens, sons e palavras em movimento, que junto com outras pessoas, principalmente quando se tem uma identificação em comum, pode ser transformador.

A experiência vivida nesse projeto me fez observar que os filmes tiveram uma função de abrir um espaço de diálogo, de escuta coletiva e de cuidado também, dando a oportunidade aos que não são ouvidos pela sociedade de se expressar livremente.



“O essencial não estava na tela”

- Por Raither Felipe



O cinema cria espaços de expressão, identificação e elaboração simbólica. Ao acompanhar uma história, as pessoas reconhecem conflitos, afetos e vivências, abrindo caminho para a reflexão e o diálogo. Foi isso que experimentei ao levar o projeto **A loucura habita o cineclube** para o Caps II. Chegávamos com filmes sobre loucura e o movimento antimanicomial, mas logo ficava claro que o essencial não estava na tela, e sim no que surgia depois.

As imagens abriam brechas. Uma cena despertava lembranças, outra provocava riso, incômodo ou silêncio. A loucura aparecia ali não como diagnóstico, mas como experiência de vida, atravessada por exclusões, mas também por potência. O cinema cumpria sua função ao permitir que as pessoas se reconhecessem nas imagens e, a partir delas, falassem de si. Nunca foi sobre conduzir o encontro, mas sobre sustentar a escuta.

Eu saía do Caps sempre atravessado, com a sensação de que o cineclube, naquele contexto, não era apenas atividade cultural nem intervenção terapêutica, mas encontro. Um encontro que reafirma algo simples e radical: falar de loucura em liberdade ainda é um gesto político. Quando o cinema se dispõe a isso, a loucura passa, de fato, a habitar o cineclube, ampliando o que entendemos por cuidado e reconhecendo a loucura como parte da experiência humana.

“A gente não é doido”

“Eu gostaria de agradecer, vocês ouviram a gente, porque ninguém mais ouve a gente. Aqui no Caps é muito difícil alguém de fora ouvir o que a gente tem pra contar, a gente não tem ouvidos, pessoas que acreditem na gente.

Para as pessoas, somos considerados loucos e vocês e o pessoal do Caps não consideram a gente assim. A gente tem palavras com vocês, nossa palavra vale. Cada um tem uma história, e essa foi a minha”.

- Daniela Almeida

“Eu adoro a minha família do Caps. A gente não é doido, a gente tá aqui fazendo tratamento”.

- Marcelo Oliveira Costa

“Eu gosto de ser filmado, porque a pessoa, sendo filmada, a pessoa passa no mundo todo.”

- José Moreira de Souza

“Gostei muito do cinema hoje”

26/01/2025

Gostei muito do cinema hoje. Pena que foi pouco, pq era uma história de uma mãe que tinha um filho que precisava de cuidados, era acamado, mais ela todos os dias vendia algo para o sustento, então ela ao ver aquela jovem lendo livros do filho que parecia bom o filho havia chegado em casa, ela começou a contar para ele, e quando viu ele estava sorrindo, filmes assim que gosto relatos de uma história que teve final feliz. Também fui como ela trabalhei para criar meus filhos. Gostaria de que viesse mais vezes e que pudéssemos fazer um passeio em lugares que tem muitas árvores, paisagens bonitas, lagoas, praias, cinemas fora daqui, conhecer lugares lindo como exemplo, Pedra Azul, ou contendo mais meus amigos não. Tem pic-niques que fosse mais animado. Espero melhorar Pro CAPS II.

Eva Nilda Garcia



"Falar é uma necessidade, escutar é uma arte"

- Goethe

A **loucura habita o cineclube** foi um projeto desenvolvido no curso de Produção Cultural realizado em 2023 no Centro Cultural Luz Del Fuego (2023-2025). Esse curso era um sonho antigo que Marco e eu compartilhávamos.

Tínhamos uma história emaranhada de mais de 10 anos, tanto a nível pessoal, quanto pela Cia NÓS de Teatro. O desejo pela democratização do acesso e a necessidade de compartilhar os conhecimentos apreendidos fora de Cachoeiro com outros cachoeirenses sempre formaram um prisma que não sei muito bem de onde veio, e isso passou a influenciar todos os nossos projetos.

Talvez porque falar realmente seja uma necessidade, e Cachoeiro tende a querer não ouvir, esconde as palavras entre as pedras, derrete o pensamento no calor escaldante, e assim surge um conservadorismo que preenche cada quina da cidade, e vai nos esmagando, esmagando, esmagando, até você não aguentar mais.

Marco não aguentou. E eu, Brenda, preciso ressaltar, a partir de todos os pensamentos embaraçados e sem certezas que percorreram minha cabeça ao longo desses 9 meses desde sua morte: ele não aguentou, não por fraqueza, não por overdose ideológica, não por inveja, ou seja lá o que mais.

Nas falas de Fernando Kinas (integrante do Coletivo Comum de São Paulo), "o Marco, como milhares e milhares de outros e outras, não mereceu meio grão das injustiças deste admirável mundo que ele tentou, como pode, entender e depois criticar".

Marco faleceu em abril de 2025 após o agravamento de uma doença mental, que tratava no Caps. Quando esse projeto começou a ser elaborado pela Marina no curso de produção, não imaginávamos que o Marco se trataria no Caps, e muito menos que, caso o projeto fosse aprovado, ele não estaria aqui para participar.

Sendo assim, para mim é impossível falar de loucura, Caps, projetos culturais, artes, Cachoeiro, democratização do acesso, sem falar do Marco - ele que, apesar de falador, sempre foi um ouvinte muito atento. Assim surgiu a performance "Ciclos Sentidos ou Cartas Crônicas escritores anônimos" (2018).

Na performance, um único "espectador" é convidado a entrar em uma tenda fechada, sem sapatos e de olhos vendados. A partir disso ele vivencia diferentes sensações que surgem através da neutralização da visão, permitindo ser afetado por outros sentidos.

Ao final da performance, Marco contava uma história baseada na crônica "As boas coisas da vida", de Rubem Braga, e pedia que a pessoa contasse uma história real da vida dela, mas que permaneceria anônima. Com essas histórias, publicamos dois livros, que agora são entregues ao final do percurso para o participante.

No final de 2025, (após o falecimento do Marco), o **Cineclube Jece Valadão** me convidou para realizar o "Ciclos Sentidos" no Caps pelo projeto "Memórias Faladas" (2025). Eu que, geralmente, guiava as pessoas na performance (apesar de já ter assumido o papel do Marco algumas vezes), assumi o lugar de ouvinte definitivo. E o que me marcou naquele dia não foram as histórias em si, e sim, as histórias de quem.

A loucura que habita o cineclube habitou minha vida, e agora habitava o Ciclos Sentidos. E eu ouvi atentamente, vendada, entre muitas lágrimas, cada participante que, assim como o Marco, era tido como louco pela sociedade. "O LOUCO", gritou uma vez uma criança em uma apresentação de contação de histórias.

Diferentes perspectivas, diferentes histórias, diferentes corpos, diferentes memórias, diferentes formas de lidar com a mesma situação, diferentes situações lidadas da mesma forma, diferentes consequências, e às vezes nem tão diferentes assim.

Entre mil pensamentos, eu só conseguia pensar o quanto eu queria ouvir o Marco depois daquilo tudo, depois que a maré finalmente baixasse. Mas não baixou.

Ainda há muito o que pensar sobre a loucura, sobre o Caps, sobre o Marco, sobre o sistema público, sobre a responsabilidade social, sobre a responsabilidade individual, e essa talvez seja a primeira vez que consigo organizar minimamente um pensamento em relação a tudo isso.

E, sem muita conclusão, finalizo aqui.

Um sonho plantado em minha memória
Um memorial abstrato de forma e glória
Uma tentativa desesperada de nos
possibilitar fazer da vida
Uma VENDA

- Marco Antônio Reis



“Nunca é tarde para aprender”

① Desejo de aprender uma nova habilidade, geralmente, é mais
em razão das pessoas encontrarem auto-constituição. “O primeiro”,
pelo desejo intrínseco em sua vida, de não deixar auto-constituição de sua
natureza.

Pelo P.H. H. H. H.



Nunca é tarde para aprender

Eu estou aprendendo a vida sozinha. Não é fácil, porém,
não impossível

Simone Yumi

27-01-25

“O cinema era vivido, debatido, tensionado”

- Por Bruno de Jesus Silva



Participar do projeto **A loucura habita o cineclube** foi, para mim, uma experiência de atravessamento estético, político e profundamente subjetivo. As sessões realizadas no Caps II de Cachoeiro de Itapemirim e na sede do Cineclube, o Sessão 103, criaram espaços raros de encontro entre o audiovisual e a vida concreta, onde o cinema não era apenas exibido, mas vivido, debatido e tensionado.

Assistir a filmes como *Bicho de Sete Cabeças* dentro de um espaço de cuidado em saúde mental foi especialmente marcante. O incômodo que o filme gerou, inclusive a ideia de que ele “não seria adequado” para aquele público, abriu uma ferida importante: quem define o que uma pessoa pode ou não ver, pensar, sentir? Quem estabelece a régua do que é ser “louco”, incapaz ou inapto para lidar com determinadas narrativas? Essas perguntas passaram a me acompanhar.

O projeto escancarou como, muitas vezes, a loucura não está apenas no sofrimento psíquico, mas nas estruturas que interdita, silenciam e infantilizam sujeitos adultos, cheios de história,

desejo e potência. A experiência no Caps, especialmente, me fez perceber o quanto ainda operamos com grades invisíveis, mentais, morais e sociais, mesmo quando acreditamos estar cuidando.

Houve também um atravessamento pessoal inevitável. Após meu afastamento temporário do Cineclube, vivi um período de depressão profunda. E foi justamente o Caps, espaço que eu havia frequentado como mediador cultural, o primeiro lugar que procurei em busca de cuidado. Essa inversão de lugar me marcou profundamente. Estar ali, agora como usuário, ampliou ainda mais meu entendimento sobre a importância desses espaços e sobre o quanto a linha entre “quem cuida” e “quem precisa de cuidado” é frágil, móvel e humana.

A loucura habita o cineclube não foi apenas um projeto cultural. Foi uma experiência que me ensinou, na prática, que o cinema pode ser ferramenta de escuta, de conflito e de reparação. E que falar de loucura é, antes de tudo, falar de direitos, de dignidade e da possibilidade de existir sem ser constantemente enquadrado, reduzido ou silenciado.



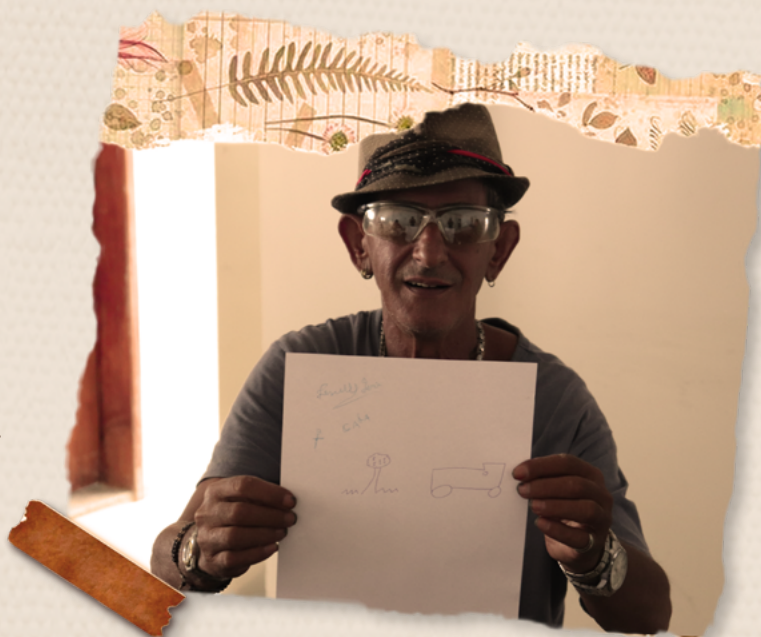
“Ver juntos”

- Por Lucas Schuina

Em 2023, fiquei 15 dias internado em uma clínica de reabilitação. O meu vício: alprazolam!

Isso mesmo, o remédio benzodiazepínico comumente receitado por médicos para tratar transtorno de ansiedade ou coisa parecida.

Eu já estava há quase uma década lidando com crises ansiosas fortíssimas, e o remédio que prometia cura acabou se tornando o veneno.



Durante a realização desse projeto, muitas vezes eu me perguntava? O que tem de comum na minha experiência em relação às vivências dos usuários do Caps II? E o que tem de tão diferente?

Eu creio que existem muitos pontos de convergência entre os diferentes “tipos de loucura”. Todos os que tivemos algum tipo de adoecimento psíquico muitas vezes nos defrontamos com um sofrimento de difícil explicação, diferente das “doenças comuns”, e tivemos que lidar com todo o peso adicional que isso proporciona.

Ao mesmo tempo, como pudemos constatar ao longo do projeto, a loucura nunca é a mesma para todos: têm marcadores muito particulares de classe, raça, gênero e orientação sexual. Mas, no fim das contas, cada “louco” tem um percurso próprio, que deve ser compreendido e respeitado em toda a sua singularidade.

Com o projeto **A loucura habita o cineclube**, nos propusemos a experimentar com a ideia de “ver juntos” como uma forma alternativa de cuidado. Uma sessão de cineclube pode parecer algo simples e inócuo diante da complexidade necessária no tratamento de pessoas com sofrimento psíquico severo.

Mas a exibição dos filmes serviu como um facilitador para que questões relacionadas a saúde mental pudessem ser tratados de forma aberta pelos participantes, que muitas vezes não encontram espaços para serem ouvidos.

Usuários da Raps conseguiram abertura para até mesmo questionar aspectos do atendimento das instituições. Outro ponto positivo foi a possibilidade de os participantes ouvirem uns aos outros e compartilhar experiências, potencializando práticas de cuidado mútuo. Além disso, pessoas de baixa renda tiveram a oportunidade de acessar produtos culturais e espaços públicos que estavam distantes de suas vivências cotidianas.

Ao levar o Caps para dentro do cineclube, nós buscamos não ficar apenas no papel de "bem feitores" realizando uma boa ação. Nos propusemos verdadeiramente a ser afetados pelas redes de afeto criadas - e como isso foi necessário para nossa própria "cura" durante o processo!

No fim das contas, o projeto nunca foi "apenas" sobre cinema - felizmente!



A luta ANTIMANICOMIAL resiste



Registro do Asilo Deus, Cristo e Caridade em 1933.

Foto: Revista Brasil Feminino/Vitrine Capixaba

Este projeto se insere dentro dos marcos da Luta Antimanicomial no Brasil, que tem tido papel fundamental para a transformação das condições de cuidado para as pessoas com sofrimento psíquico e para questionar noções arraigadas sobre a “loucura”. Vamos relembrar aqui, brevemente, o percurso histórico desse movimento de resistência, e como ele se insere no contexto de Cachoeiro de Itapemirim.

A criação dos primeiros hospitais psiquiátricos na Europa ocorreu entre os séculos XVIII e XIX. Nesse contexto, a loucura passa a ser tratada como algo a ser separado da cidade, isolado, em um modelo que seria exportado para o Brasil. Entre o final do século XIX e início do século XX, têm-se a consolidação da Psiquiatria Clássica, centrada no diagnóstico biomédico e na normalização da “doença mental” por meio de práticas violentas e disciplinadoras,

como eletrochoque, lobotomia, contenções e internações indefinidas.

Não que essas práticas nunca tenham enfrentado resistência desde a origem. No Brasil, por exemplo, o médico negro Juliano Moreira (1872-1933), considerado por muitos o fundador da Psiquiatria e da Psicanálise no Brasil, defendia que as doenças mentais tinham origem em fatores físicos e situacionais, como a falta de higiene e de acesso à educação, combatendo concepções eugenistas e racistas de sua época que ligavam o adoecimento psíquico no Brasil à “miscigenação”. Um pouco mais tarde, a médica Nise da Silveira (1905-1999) foi pioneira na defesa da arte, da livre expressão e da afetividade como formas de cuidado, em contraponto aos métodos disciplinares e violentos.

De todo modo, os manicômios como “instituições totais”, em que pacientes permanecem indefinidamente, rapidamente se consolidou. Em Cachoeiro de Itapemirim, foi criado em 1918 o Asilo Deus, Cristo e Caridade (ou Asylo Deus, Christo e Caridade, na grafia antiga), que possuía uma ala para “alienados mentais”. A instituição – também conhecida como Lar Jeronymo Ribeiro, em referência ao seu fundador, ficava no Sítio Santa Fé, afastado do centro urbano da cidade, na “zona do Amarelo”, em uma região que hoje abrange o bairro São Geraldo.

Em 1967, foi fundada a Clínica de Repouso Santa Isabel, que durante quase cinco décadas foi a principal “referência” em saúde mental de Cachoeiro. Inicialmente, estava localizada na rua Moreira, no bairro Independência, mas depois se transferiu para um grande imóvel na rua Gilceu Machado, no bairro Amaral, onde costumava abrigar centenas de internos de uma só vez.

Após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o questionamento ao modelo manicomial vai ganhando força progressivamente. Na Itália, em 1978, foi promulgada a Lei Basaglia, que determinou o fechamento gradual dos manicômios no país. O nome faz referência a Franco Basaglia (1924-1980), psiquiatra que teve papel decisivo na reforma do modelo de saúde mental italiano, defensor da ideia de que “o problema não é a doença, é a instituição”.

A experiência italiana teve grande influência no Brasil, que experimenta o crescimento exponencial da Luta Antimanicomial a partir dos anos 1970. Em plena Ditadura Militar (1964-1985), surgem denúncias de violência, maus tratos e mortes nos manicômios. Profissionais, usuários das instituições e seus familiares começam a se organizar.

Em 1987, no II Congresso Nacional de Trabalhadores de Saúde Mental, em Bauru, surgiu o lema “Por uma sociedade sem manicômios”.

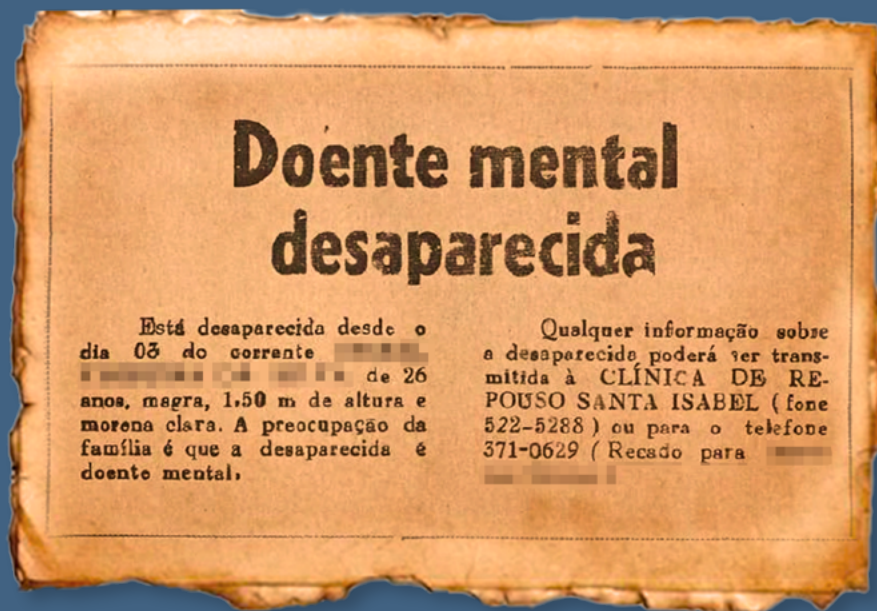
O dia 18 de maio, em referência à data do evento, acabou por se tornar o Dia Nacional da Luta Antimanicomial. Ao longo dos anos 1990, aprofundou-se a discussão em torno da criação de uma rede substitutiva de cuidado no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS).

Esse processo culminou na promulgação da Lei 10.216, de 6 de abril de 2001, que institui a Reforma Psiquiátrica no Brasil. Com ela, em vez das longas internações nos manicômios, passou-se a privilegiar o cuidado de saúde mental em liberdade, no território dos usuários. Por isso, legislação prevê novas instituições, como os Centros de Atenção Psicossocial (Caps), além de residências terapêuticas e centros de convivência, organizadas no âmbito de uma Rede de Atenção Psicossocial (Raps).

Mas o processo de substituição dos grandes manicômios foi gradual, e ainda permanece incompleto. Estados como o Espírito Santo, por exemplo, lidam com uma grande precariedade, e os municípios ainda não contam com a rede de atenção completa, conforme preconizado na Reforma. Além disso, os últimos anos têm sido marcados por muitas disputas e retrocessos no âmbito da saúde mental, com o aumento de iniciativas em defesa de internações compulsórias para pessoas em situação de rua.

Em 2025, organizações da Luta Antimanicomial iniciaram uma campanha nacional contra as Comunidades Terapêuticas (CTs), instituições de caráter religioso que se propõem a oferecer tratamento para pessoas em uso prejudicial de substâncias psicoativas, mas que são frequentemente denunciadas por violações graves aos direitos humanos. No Espírito Santo, o Governo do Estado financia diretamente cinco CTs por meio do Programa Estadual de Ações Integradas sobre Drogas (PESD), mais conhecido como Rede Abraço.

Em Cachoeiro de Itapemirim, foi apenas em 2016 que o Governo do Estado encerrou o vínculo com a Clínica Santa Isabel, até então o “último



Notícia de 22 de abril de 1994 do jornal Correio do Sul sobre mulher desaparecida e indicação de contato para Clínica Santa Isabel.

Foto: APEES

manicômio estadual em funcionamento”, conforme informações da própria Secretaria de Estado da Saúde (Sesa). Isso se deu após anos de denúncias, protestos e até ações judiciais sobre a instituição, que o Ministério Público do Estado (MPES) chegou a classificar como “depósito de pessoas”.

Com a Reforma Psiquiátrica, Cachoeiro passou a contar com os equipamentos substitutivos da Raps a partir do início dos anos 2000, além de adaptar outros espaços existentes ao novo paradigma.

Caps II (Centro de Atenção Psicossocial)

Especialidade: Atendimento para pessoas maiores de 18 anos com transtornos mentais graves e persistentes.

Local: Rua João Bôsko Fiório – Marbrasa, Cachoeiro de Itapemirim

Funcionamento: Segunda a sexta-feira, de 8h às 16h | Telefone: (28) 3636-2319

Caps-ad (Centro de Atenção Psicossocial para Álcool e outras Drogas)

Especialidade: Atendimento para pessoas maiores de 18 anos com transtornos mentais pelo uso de álcool e outras drogas.

Local: Rua José Dias Lobato, 163 – Otton Marins – Cachoeiro de Itapemirim (rua paralela à Linha Vermelha)

Funcionamento: Segunda a sexta-feira, de 7h às 17h | Telefone: (28) 3199-1285

Capaac (Centro de Atendimento Psiquiátrico Aristides Alexandre Campos)

Especialidade: Atendimentos de urgência e emergência psiquiátrica.

Local: Rua Leopoldino Smarzaró, 17 – Monte Cristo – Cachoeiro de Itapemirim

Funcionamento: 24h | Telefone: (28) 3636-2302 / (28) 3636-2303 / (28) 3636-2341

Obs.: Apesar da existência dos locais especializados, o acolhimento inicial é feito pelas equipes das Unidades Básicas de Saúde.

Além disso, pronto-atendimentos intermediários também oferecem suporte quando necessário.

Filme foi lindo, uma mãe cuidando
do filho doente, ao mesmo tempo muito
lúcido, me senti dentro do ~~filme~~ filme porque
era exatamente o que eu fazia passava
nóites em claro cuidando do meu marido,
sentada em uma cadeira de plástico não
me esquecendo um segundo fazia tudo
novamente.

Tânia Maria e Silva Ferreira Paes

Ótimo II
O muito legal, sério, importante, enovoso,
Os filmes foram legais, divertidos, ~~importantes~~ importantes

CARIMBO
ASSO
IMPORTANTE
ASSO

Ass: Maria e Silva Ferreira

Enika Baptista Netto

Eu gostei muito do filme



Eu achei o filme ótimo
A mãe cuidava do filho
Eu achei maravilhoso

Joinete Ribeiro Lins da Silva



Attention votre déjeuner
LE
CACAO-PAYRAUD



Superglue



27/11/2025

Aureliana Santos N



A loucura habita
o CINECLUBE

CINECLUBE

JECE VALADÃO

FUNCULTURA

GOVERNO DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO
Secretaria da Cultura



A loucura habita
o CINECLUBE

0 muito Aquel 10 unico, impetante, curioso,
Os filmes foram todos, distribuidos, importados,
CARIMINHOS
Amigo
IMPORTANTE
Muito
Assi, mais e mais